

Bonita, inteligente, formada e dá para muita gente

As pessoas que ainda preservam a sanidade em terras tupiniquins já perceberam que algo está profundamente errado por aqui. O descompasso entre as celebrações de Ano-Novo deixou evidente o abismo que separa o Brasil. De um lado, a Rede Globo transmitiu o show de Anitta em Copacabana, marcado por um festival de obscenidades e vulgaridade. Do outro, o SBT optou por exibir um evento gospel com a presença de pastores brasileiros, que não fizeram concessões para alcançar um público mais amplo.

Enquanto os pastores falavam sobre Deus em um ambiente de fé, Anitta, com trajes que fariam Madonna corar, entoava músicas sobre temas como o tamanho do órgão sexual, ao mesmo tempo que se declarava bonita, inteligente, formada e "generosa" por dar muito (e aqui não estamos falando de esmolas).

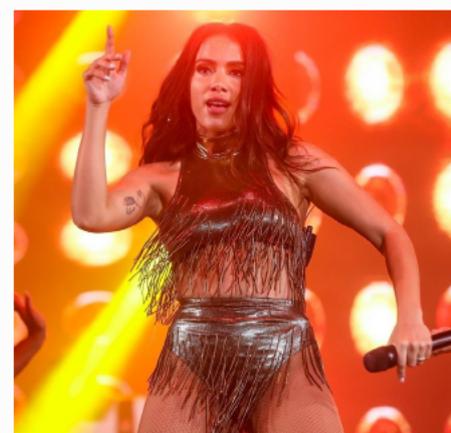
Esse contraste revela dois Brasis: um que tenta preservar os valores cristãos e clama por bênçãos divinas para o novo ano, e outro que, sob o controle do establishment, parece ser incentivado a se afundar cada vez mais em vícios e degradação moral.

No meio desse ambiente dividido, surge uma figura emblemática: Fernando Haddad. Muito além de um simples membro do Partido dos Trabalhadores, o eclético petista já ocupou cargos como ministro da Educação, prefeito de São Paulo, foi candidato à Presidência e, agora, é o ministro da Fazenda de Lula. Sua trajetória também inclui a publicação do livro *Em Defesa do Socialismo* (1998), uma obra que celebra os 150 anos do Manifesto Comunista e tenta reinterpretar as ideias socialistas no contexto contemporâneo.

No livro, Haddad introduz conceitos como o "capitalismo superindustrial", termo usado para descrever um estágio em que a inovação tecnológica se torna central para as grandes corporações, enquanto os mercados se expandem globalmente. Ele também propõe uma nova teoria das classes sociais, diferenciando a classe proprietária dos meios de produção de três classes não proprietárias:

1. Os desqualificados: viciados, criminosos, mendigos e pessoas em condições de extrema precariedade, fora do mercado de trabalho.

- Já é visível que existem dois Brasis em constante tensão.
- Haddad não é apenas um ministro comum no governo petista, mas um arquiteto de um projeto de Estado socialista.
- Será que nosso endividamento é parte de uma agenda política?



2. O proletariado tradicional: trabalhadores que vendem sua força de trabalho, mas não participam da inovação.
3. A classe inovadora: cientistas e técnicos que criam ideias e tecnologias, agregando valor aos produtos, mas que são instrumentalizados para fortalecer a acumulação de capital da classe proprietária.

Como alternativas, Haddad defende um "capitalismo cooperativista", onde os trabalhadores compartilhem a propriedade das empresas, com o Estado controlando o crédito e fragmentando a propriedade privada. Ele também propõe taxações progressivas sobre a propriedade, em linha com os ideais do Manifesto Comunista.

A obra questiona o modelo de Estado de bem-estar social e sugere mudanças estruturais rumo ao socialismo, apresentando Haddad como o arquiteto de um projeto de Estado socialista contemporâneo. Esse projeto, gostemos ou não, está se materializando diante de nossos olhos.

Há alguma dúvida de que a classe dos desqualificados está crescendo vertiginosamente? Os inovadores e empreendedores não estão sendo perseguidos, taxados e sufocados como se fossem responsáveis pela sustentação da superestrutura do capitalismo? Sob a tutela de Haddad, vemos um terço das empresas endividadadas, 68 milhões de brasileiros inadimplentes, e uma massa crescente de desqualificados.

Coincidência ou não, foi Haddad quem ocupava o Ministério da Educação durante a segunda metade dos anos 2000. Foi também sob seu comando que as apostas esportivas foram regulamentadas e que a nova reforma tributária foi encabeçada. Ele é uma presença constante nos painéis do Fórum Econômico Mundial (WEF), ao lado de Marina Silva, representando os interesses do establishment global.

Diante disso, surge a pergunta: estamos apenas testemunhando o inevitável? Ou ainda há espaço para reverter essa trajetória e resgatar um Brasil que se perdeu entre dois extremos?

